

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO  
DIRETORIA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL  
PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO**

**Sequência de Aulas de História**

**Autora:** Vanessa Maria Rodrigues Viacava

**1. Nível de ensino:** Ensino Fundamental.

**2. Conteúdo Estruturante:** Relações Culturais, Relações de Trabalho e Relações de Poder.

**2.1 Conteúdo Básico:** Trabalho escravo, servil, assalariado e o trabalho livre.

**2.2 Conteúdo Específico:** O fim da escravidão no Paraná

**3. Objetivo:**

- Problematizar as relações entre proprietários de terras do Paraná e seus escravos no século XIX, as vésperas do fim da escravidão.

**4. Número de aulas estimado:** 2 aulas.

**5. Justificativa**

No Paraná, o africano esteve presente no Litoral ou no Planalto, nas cidades, vilas e freguesias, na mineração, na pecuária, na agricultura de subsistência, no cultivo da erva-mate ou no café. Nas palavras de Otávio Ianni, “o Paraná dos séculos XVII, XVIII e XIX era uma sociedade fundada na força de trabalho escrava” (IANNI, 1988, p. 149). No século XIX, período de maior atividade do tropeirismo, grande parte da população no Paraná se localizava na região dos Campos Gerais, nas fazendas de internada. Estes escravos totalizavam cerca de 20% da população e muitos deles entravam nos testamentos de seus proprietários, recebendo terras e/ou a liberdade.

Essas aulas apresentarão aos alunos as relações escravistas do Paraná, problematizando um discurso identitário difundido por historiadores e pesquisadores que defenderam a tese de um Paraná diferente, formado por “elementos polonês, ucranianos, alemão, italiano e os ‘pequenos grupos’, o índio e o negro, estes últimos em proporção praticamente insignificante” (MARTINS, s/d, p. 122).

**7. Desenvolvimento**

**1ª Aula**

Para iniciar essa aula sobre o fim da escravidão, o professor exibirá a seguinte imagem:



Fonte: Portal do Professor/MEC

**Menino com sua mucama.** Disponível em:  
<<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=24&evento=1>> Acesso em: 13 jun. 2013.

Durante a exibição da fotografia, tirada em 1860 na cidade de Recife, o professor provocará os estudantes com as seguintes questões:

1) Quais são as pessoas fotografadas nessa fotografia? Como elas estão vestidas? Elas são parentes? Qual a relação entre elas?

Como resposta, espera-se que os estudantes percebam que o menino branco, que veste roupas costumeiras e é filho de um senhor de engenho ou de um rico comerciante de Recife, está ao lado de sua mucamba. Ela usa uma roupa chique, diferente de sua vestimenta habitual, e um broche, provavelmente emprestado da família dele. A escrava em questão é a mulher que o amamentou desde seu nascimento, porque as mulheres da elite escravocrata não costumavam alimentar seus filhos.

Para um maior aprofundamento sobre a construção do conceito de infância e de família, sugere-se a leitura da obra de Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família*.

2) Pela imagem, é possível dizer que existe afetividade entre eles? Qual a postura/pose dos dois na foto?

A posição do menino, apoiando seu braço no corpo da ama e com seu rosto sob o ombro da escrava, indica uma relação de afeto. Por outro lado, a ama de leite está estática, com seu olhar fixo na câmera, e parece não se importar com o carinho do menino. O historiador Luis Felipe de Alencastro definiu assim essa postura da escrava: “Manteve o corpo ereto, e do lado esquerdo, onde não se fazia sentir o peso do menino, seu colo, seu pescoço, seu braço escaparam da roupa que não era dela, impuseram à composição da foto a presença incontida de seu corpo, de sua nudez, de seu ser sozinho,

da sua liberdade” (ALENCASTRO, 1998).

É importante destacar que as fotografias eram tiradas pela manhã, quando as crianças estavam menos agitadas, porque a tecnologia da época exigia que os modelos ficassem imóveis por um bom tempo. Sendo assim, o carinho do menino não foi manipulado pelo fotógrafo, pode ser visto como um gesto natural, de aconchego naquela pessoa que ele conhecia desde a sua chegada ao mundo.

3) Essa foto pode representar as relações entre escravos e donos de escravos no Brasil?

Com essa questão, espera-se que os estudantes relativizem o carácter amoroso do relacionamento entre amas de leite negras e os meninos e meninas brancas. Embora exista uma teoria que compreende o Brasil como uma “democracia racial”, as relações entre africanos e senhores escravocratas no Brasil Colônia e Império não eram amenas, eram relações de poder assimétricas e os interesses econômicos prevaleciam.

A seguir, mais informações sobre a fotografia:

“A fotografia feita no Recife por volta de 1860. Na época era preciso esperar no mínimo um minuto e meio para se fazer uma foto. Assim, preferia-se fotografar as crianças de manhã cedo, quando elas estavam meio sonolentas, menos agitadas. O menino veio com a sua mucama, enfeitada com a roupa chique, o colar e o broche emprestado pelos pais dele. Do outro lado, além do fotógrafo Villela, podiam estar a mãe, o pai e outros parentes do menino. Talvez por sugestão do fotógrafo, talvez porque tivesse ficado cansado na expectativa da foto, o menino inclinou-se e apoiou-se na ama. Segurou-a com as duas mãozinhas. Conhecia bem o cheiro dela, sua pele, seu calor. Fora no vulto da ama, ao lado do berço ou colado a ele nas horas diurnas e noturnas da amamentação, que os seus olhos de bebê haviam se fixado e começado a enxergar o mundo. Por isso ele invadiu o espaço dela: ela era coisa sua, por amor e por direito de propriedade. O olhar do menino voa no devaneio da inocência e das coisas postas em seu devido lugar. Ela, ao contrário, não se moveu. Presa à imagem que os senhores queriam fixar, aos gestos codificados de seu estatuto. Sua mão direita, ao lado do menino, está fechada no centro da foto, na altura do ventre, de onde nascera outra criança, da idade daquela. Manteve o corpo ereto, e do lado esquerdo, onde não se fazia sentir o peso do menino, seu colo, seu pescoço, seu braço escaparam da roupa que não era dela, impuseram à composição da foto a presença incontida de seu corpo, de sua nudez, de seu ser sozinho, da sua liberdade. O mistério dessa foto feita há 130 anos chega até nós. A imagem de uma união paradoxal mas admitida. Uma união fundada no amor presente e na violência pregressa. A violência que fendeu a alma da escrava, abrindo o espaço afetivo que está sendo invadido pelo filho do senhor. Quase todo o Brasil cabe nessa foto.”

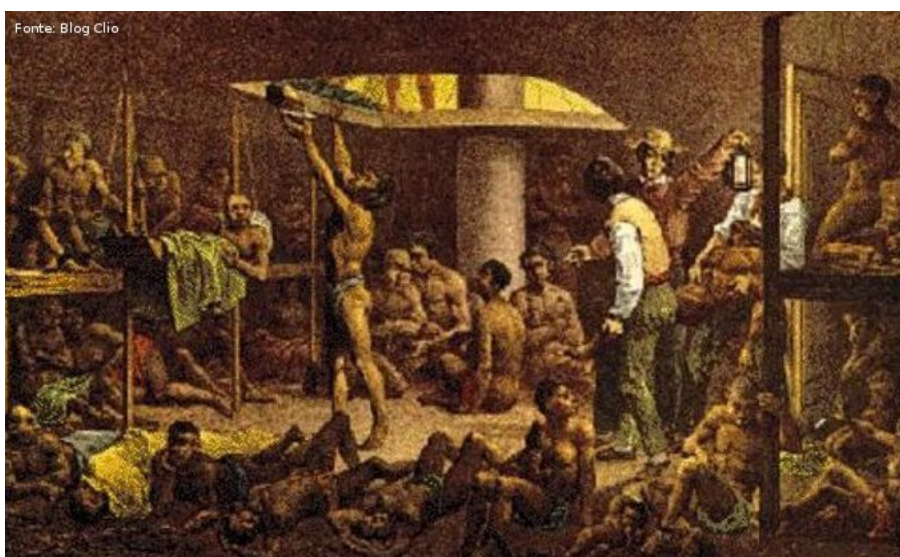
(Fonte: ALENCASTRO, Luis Felipe de. **História da vida privada no Brasil Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras., 1998. p. 439-440).

Para finalizar a discussão sobre as relações entre donos de escravos e escravos, os estudantes observarão as imagens de Johann Moritz Rugendas.



Fonte: Blog Clío

RUGENDAS, J. M. **Castigos Domésticos**. Disponível em: <<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=10&evento=1>> Acesso em: 13 jun 2013.



Fonte: Blog Clío

RUGENDAS, J. M. **Negros no Porão**. Disponível em: <<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=28&evento=1>> Acesso em: 13 jun 2013.

Durante a observação das imagens de Rugendas o professor questionará os estudantes com as seguintes perguntas:

1) As obras de arte de Rugendas foram feitas nas primeiras décadas do século XIX. Nesse período já haviam leis de combate à escravidão no Brasil?

Os estudantes poderão acessar seus livros didáticos para responder essa questão. Eles verificarão que ainda não existia nenhuma lei que desaprovava a escravidão no Brasil.

2) Pela análise das duas telas, “Negros no Porão” e “Castigos Domésticos”, como podemos definir as relações entre escravos e donos de escravos?

Os estudantes observarão que os escravos sofriam castigos físicos constantemente e nos mais diversos contextos. Mas é importante observar que essas telas foram pintadas na primeira metade do século XIX e ainda não havia nenhum tipo de organização antiabolicionista no Brasil.

## 2ª Aula

Nessa segunda aula serão apresentadas aos estudantes, por meio de leitura coletiva, uma situação ocorrida no Paraná. Com a exibição desse fragmento de texto espera-se que os estudantes reconheçam a existência da escravidão no Paraná e se questionem sobre a natureza das relações sociais entre escravos e donos de escravos.

Em 1854, Dona Maria Clara do Nascimento, proprietária da Fazenda Santa Cruz — uma propriedade destinada à criação e invernagem de gado vacum e muars localizada na região dos Campos Gerais, município de Ponta Grossa, Estado do Paraná — transformou os escravos e ex-escravos que ali viviam em herdeiros da metade de suas terras e dos animais e instrumentos de trabalho da Fazenda. Não sendo o único senhor de terras a agir desse modo, o caso de Dona Maria Clara do Nascimento repõe algumas questões sobre o Brasil escravista de meados do século XIX. De um lado, que princípios e valores orientavam tais atitudes entre os fazendeiros e proprietários de escravos? O que os levava a transformar em herdeiros seus escravos e ex-escravos? Estamos em 1854, auge da pecuária no Paraná, o que reduz qualquer possibilidade de explicação de cunho econômico. Por outro lado, se a própria literatura sobre escravidão no Brasil tem mostrado que os cativos influíam nas decisões que os envolviam, como se deu esse processo no meio rural, no interior mesmo do regime das propriedades rurais no Paraná. (HARTUNG, 2005, p. 143)

[...]

O ato de Maria Clara revela, portanto, uma sociedade onde se misturavam e conviviam, de um lado, os interesses econômicos individuais dos senhores de escravos, idéias sobre a inferioridade dos negros e a “naturalidade” da escravidão; de outro, ideais sobre a família, a paternidade e a maternidade, além de valores cristãos sobre humanidade, caridade, bondade. (HARTUNG, 2005, p. 180)

O artigo de Mirian Hartug, *Muito além do céu: Escravidão e estratégias de liberdade no Paraná no século XIX*, problematiza as relações entre escravos e donos de escravos articulando valores humanitários e cristãos. A autora conclui seu artigo enfatizando a persistência de contradições insolúveis no Brasil do fim do século XIX, tais como: valores cristão e interesses econômicos, afetividade e violência, inferioridade dos negros e bondade.

Para finalizar esta segunda aula, o professor fará uma provocação acerca do papel da princesa Isabel no fim da escravidão no Brasil, exibindo o vídeo “Construtores do Brasil”, disponível em <<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=5617>>, sem nenhuma explicação prévia.

Depois de exibir o vídeo, o professor enfatizará que esta produção se refere à princesa como “Redentora”. Mas o vídeo é contraditório, porque, ao mesmo tempo, enfatiza a importância de grupos de intelectuais abolicionistas para eliminar definitivamente este sistema de trabalho no País.

Após a explicação, os estudantes assistirão ao vídeo novamente.

Para concluir essa aula, os estudantes deverão elaborar uma pesquisa (em seus livros didáticos ou com o auxílio da web - caso o professor opte por lecionar essa aula no laboratório de informática) sobre os fatores internos e externos que favoreceram a assinatura da Lei Áurea em 1888.

## 8 Aprendizagem esperada

Após os debates e as atividades propostas nessa sequência de aulas, o professor

deverá observar se os estudantes são capazes de identificar as relações entre senhores e escravos no Brasil Império, observando a presença escrava africana no Paraná.

## 9 Referências

HARTUNG, M. Muito além do céu: escravidão e estratégias de liberdade no Paraná do século XIX. **Topoi**, v. 6, n. 10, jan.-jun. 2005, p. 143-191. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads\\_01/singlefile.php?cid=42&lid=7250](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=42&lid=7250)>. Acesso em: jul. 2013.

IANNI, O. **As metamorfoses do escravo**. São Paulo: Hucitec, 1988

MARTINS, W. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre o fenômeno da aculturação no Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, s/d.